

## Segredo de fabricação – Deleuze e Guattari: nós dois\*

Tradução de Guilherme Ivo\*\*

& Mariana de Toledo Barbosa.\*\*\*

Revisão de Paulo Domenech Oneto.\*\*\*\*

*Como se pensa a dois? Os autores de O que é a filosofia? traçam a história de uma amizade sem intimidade, que funciona por “afinação” e “acoplamento maquínico”*

Eles têm poucos amigos em comum. Fora de suas sessões de trabalho, vêm-se raramente. Quando um deles escreve sozinho um livro, não fala a esse respeito para o outro. Um é filósofo, o outro, psicanalista. Um deles nasceu em 1925 e o outro é cinco anos mais jovem. Eles assinaram a quatro mãos *O Anti-Édipo*, que os tornou célebres, depois *Kafka: Por uma literatura menor*, *Rizoma* e *Mil Platôs*. E, hoje, *O que é a filosofia?* Neste livro circula um estranho “personagem conceitual”: o *amigo*, nascido na Grécia junto com a filosofia. Amigos, Gilles Deleuze e Félix Guattari seguramente o são. Mas de tal maneira que explica suas produções teóricas comuns e torna compreensível o fato de que uma obra filosófica, fato raríssimo, possa ser “co-assinada”.

Gilles Deleuze e Félix Guattari conheceram-se em 1968. “Quando encontrei Félix”, nos diz Deleuze, “eu havia feito história da filosofia, crítica literária e dois livros de filosofia, *Lógica do sentido* e *Diferença e repetição*. Meu encontro com Félix se deu a partir de questões de psicanálise e de inconsciente. Félix me trouxe uma espécie de campo novo, me fez descobrir um domínio novo, mesmo que eu tenha falado da psicanálise antes, e era isso que suscitava o interesse dele por mim. Nosso trabalho

---

\* Texto montado de conversas com Deleuze e Guattari, recolhidas por Robert Maggiori, no jornal parisiense *Libération* (12 de setembro 1991), p. 17-19.

\*\* Mestrando do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp), Campinas, SP, Brasil. Contato: [figofredo@gmail.com](mailto:figofredo@gmail.com)

\*\*\* Professora adjunta de Filosofia do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (GFL/UFF), Niterói, RJ, Brasil. Contato: [mari\\_tb@hotmail.com](mailto:mari_tb@hotmail.com)

\*\*\*\* Professor adjunto da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ. Contato: [pgdomenechoneto@gmail.com](mailto:pgdomenechoneto@gmail.com)

comum se deu sobretudo entre 1970 e 1980. Depois houve uma parada e cada um de nós voltou a escrever sozinho, como se, provisoriamente – não é que fôssemos menos amigos, de modo algum! –, as possibilidades de trabalho tivessem se esgotado. Elas se reapresentaram bem recentemente. Não há nenhuma receita nisso. O único critério é que “funcione”. No início de nossas relações, Félix é quem veio me procurar. Já eu, não o conhecia. Acredito que o que mais me surpreendeu é ele não ser filósofo de formação e tomar, portanto, diante dessas coisas, muitas precauções, sendo quase mais filósofo do que se o fosse de formação, e encarnando a filosofia no estado de criatividade”.

As lembranças de Guattari são quase idênticas. “Eu havia ficado muito impressionado pela leitura de *Diferença e repetição* e de *Lógica do sentido*. Em meu modo de entender o que lhe era dito, ele tinha sido impactado pela dissidência muito marcada relativamente ao lacanismo, que já era dominante, e por um jeito meu de abordar os problemas políticos e sociais. Ele me incitou a dar forma àquilo tudo. Mas o momento não convinha tanto e eu estava longe de estar preparado. Então, ele me propôs que trabalhássemos juntos. Quem foi procurá-lo, portanto, fui eu, mas foi ele, num segundo momento, quem me propôs o trabalho em comum. O que ele me trouxe, desde o início, foi uma escuta de aventuras teóricas para as quais eu estava numa solidão total, um encorajamento para elaborações teóricas que qualquer outro interlocutor teria me aconselhado a interromper! Além disso, ele me traz um *background* filosófico extraordinário, a máquina de trabalho, a máquina de reflexão e de escrita”.

Uma obra filosófica se faz, portanto, “à máquina”?

É que, na realidade, a maneira de trabalhar de Deleuze e de Guattari é bem estranha. Não saberemos muita coisa sobre a confecção propriamente dita do manuscrito (“é um segredo”, diz Deleuze; “com idas e vindas, com versões sucessivas: o trabalho de acabamento, que é frequentemente feito por Gilles”, diz, por sua vez, Guattari). O método de trabalho, porém, parece seguir regras bem precisas, que por si próprias se impuseram ao longo dos anos: “Acredito”, diz Deleuze, “que principalmente dois elementos intervêm em nosso trabalho comum. Primeiro, sessões orais. Ocorre que tenhamos um problema sobre o qual concordamos vagamente, mas buscamos soluções capazes de torná-lo preciso, de localizá-lo, condicioná-lo. Ou então encontramos uma solução, mas não sabemos muito bem para qual problema. Temos uma ideia que parece funcionar num domínio, mas buscamos outros domínios, bem diferentes, que poderiam prolongar o primeiro, variar suas condições, graças a uma reviravolta. Kleist disse tudo

sobre o que ocorre dessa maneira, quando, em vez de se expor uma ideia preexistente, elabora-se a ideia falando, com gaguejos, elipses, contrações, estiramentos, sons inarticulados. Ele diz: ‘Não somos nós que sabemos alguma coisa, é primeiramente um certo *estado* de nós mesmos...’; trata-se de se entregar a este estado, de se colocar neste estado, e é mais fácil a dois. O outro elemento são as versões múltiplas. Cada um escreve uma versão sobre um tema dado (que foi precisamente resgatado nas sessões orais). Depois a reescreve, levando em conta a versão do outro... Cada um funciona como incrustação ou citação no texto do outro, mas, depois de um tempo, não se sabe mais quem está citando quem. É uma escrita de variações. Esses procedimentos a dois apenas adensam aquilo que se passa quando se trabalha sozinho. É o mesmo que dizer: sempre se está sozinho e sempre se é vários. Sozinho a dois e vários quando se está sozinho. Todavia, a condição para se poder efetivamente trabalhar a dois é a existência de um fundo comum implícito, inexplicável, que nos faz rir das mesmas coisas ou que nos deixa preocupados com as mesmas coisas, chocados ou entusiasmados com coisas análogas. Esse fundo comum pode animar as mais insignificantes conversas, as mais idiotas (elas são mesmo necessárias antes das sessões orais). Mas é também o fundo de onde saem os problemas nos quais estamos engajados, e que nos assombram como ritornelos. Ele faz com que nunca tenhamos que fazer objeções um ao outro, mas cada um deve impor desvios ao outro, bifurcações, atalhos, precipitações e catatonias. É que, sozinho ou a dois, o pensamento é sempre um estado longe do equilíbrio”.

Félix Guattari fala igualmente dos encontros regulares, das sessões orais e dos textos que passam de um crivo a outro. E ele é preciso: “Somos bem diferentes um do outro: de modo que os ritmos de adoção de um tema ou de um conceito são diferentes. Mas também há, é claro, uma complementaridade. De minha parte, sou mais levado a operações aventureiras, de ‘comando conceitual’, digamos, de inserção em territórios estranhos. Ao passo que Gilles possui pesadas armas filosóficas, toda uma intendência bibliográfica. Isso pode criar um descompasso de método. Mas o que fazemos não funciona na base de debates ou de resoluções de conflitos. De certa maneira, jamais há oposição. O problema é buscar uma confrontação, uma ‘afinação’ dos processos. Às vezes, a articulação e a junção são imediatas. Mas nem sempre é assim. Ocorre não articularmos um conceito da mesma maneira ou no mesmo terreno. Ainda que haja, naturalmente, interseção. Pode ser também que a junção não se faça. Cada um, então, mantém ‘em espera’ suas formações conceituais”.

Vê-se que nada, nisso tudo, se assemelha a uma “conversa”, a uma “troca de opiniões”. Deleuze: “Um se cala quando o outro fala. Não é apenas uma lei para que nos compreendamos, para que nos ouçamos, mas significa que um se põe perpetuamente a serviço do outro. Aquele que se cala está por natureza a serviço daquele que fala. Trata-se de um sistema de ajuda mútua onde aquele que fala tem razão pelo próprio fato de estar falando. A questão não é ‘discutir’ . Se Félix me disse alguma coisa, eu só tenho uma função: busco o que pode confirmar uma ideia tão bizarra ou louca (e não ‘discutível’). Se eu lhe dissesse: ‘no centro da terra tem geleia de groselha’, seu papel seria buscar o que poderia dar razão a uma ideia como essa (se é que isso é mesmo uma ideia!). É o contrário, pois, de uma sucessão ou troca de opiniões. A questão não é saber se a opinião é minha ou dele e, aliás, uma objeção nunca será feita. Só haverá melhora”.

Guattari estava dizendo: trata-se de uma “afinação”, de um ajuste. Feito o ajuste, nascem então todos os conceitos que estão fervilhando na obra de Deleuze e Guattari. Conceitos de pai comum ou de pais diferentes? “Nenhum de nós”, responde Deleuze, “reivindica uma paternidade dos conceitos. No entanto, quanto a mim, tenho uma forte lembrança de ter introduzido esta ou aquela noção – contrariamente, talvez, a Félix, que é mais esquecido, mais generoso – mesmo que em seguida ela seja completamente transformada. Por exemplo, o ‘ritornelo’, ao qual atualmente sou tão apegado, deve-se originalmente a Félix. O ‘corpo sem órgãos’, fui eu quem forneci, tomando-o de Artaud. Mas todas as nossas noções são comuns, embora nos ocorra levar a cabo uma noção comum em sentidos que são próprios a cada um”. Conceitos órfãos, pois, ou nascidos, também eles, da “máquina de trabalho”, como Guattari confirma: “É muito difícil dizer se neste ou naquele momento um de nós foi o primeiro a articular uma fórmula; todas elas passam pelo pente fino! A ‘desterritorialização’, por exemplo, fórmula bárbara que eu articulei, Gilles, por sua vez, articulou-a com o conceito de Terra, o qual não estava, no início, em minha perspectiva – mas, no momento em que ela foi tornada comum, foi remanejada”.

A relação entre Gilles Deleuze e Félix Guattari é seguramente uma relação *discreta*, se o termo remeter à descrição, mas também à descontinuidade. Eles não estão, ambos, realizando uma “micro-sociedade de amigos” – que é também uma sociedade de rivalidade e de competição – e sim, para usar a linguagem deles, uma espécie de “acoplamento maquínico”. A amizade deles não é daquelas que criam a “fusão”, a intimidade, a confiança, ou em que “um se apoia no ombro do outro”, como dizia São

Francisco de Sales. Amizade sem rivalidade, amizade sem efusão. “Gilles e eu temos uma certa propensão a tratar quase todo mundo de maneira informal. E, no entanto, há mais de vinte anos, tratamo-nos com formal polidez. Há uma verdadeira política do dissenso entre nós, não um culto, mas uma cultura da heterogeneidade, que faz com que cada um de nós reconheça e aceite a singularidade do outro. Fizemos muitas coisas juntos e, no entanto, é paradoxal, eu sempre tentei, e ele fez o mesmo, não interferir, não me intrometer em sua vida ou em suas preocupações. Talvez seja isso o que você chama de discrição. A confecção de uma máquina de trabalho implica essa micropolítica do dissenso. Não é um maneirismo pretensioso. É assim. Se fazemos algo juntos, é porque funciona, e porque somos levados por algo que nos ultrapassa. Gilles é meu amigo, e não meu confidente”.

Eis, provavelmente, a condição para que pensar a dois não signifique pensar a mesma coisa, mas “pensar uma diferença”. “Seria preciso”, conclui Deleuze, “falar do pensamento a dois como os psiquiatras, no século XIX, falavam da loucura a dois. Mas isso não é o mais importante”.

Recebido em: 08/12/2014 – *Received in: 12/08/2014*

Aprovado em: 29/09/2015 – *Approved in: 09/29/2015*